

A hora da decisão do PMDB

Partido começa esta semana a decidir se apóia a reeleição de FH ou lança candidato próprio

Mônica Gugliano

BRÁSÍLIA

Depois de amargar uma semana administrando uma das piores crises vividas pelo PSDB, o presidente Fernando Henrique Cardoso pode se preparar para novas turbulências. A próxima crise terá o nome do PMDB. Fortalecido com a pretensão explícita do senador José Sarney (AP) de concorrer à Presidência da República e com a filiação do ex-presidente Itamar Franco nos próximos dias, o partido começa esta semana a decidir se apóia a reeleição ou lança candidato próprio.

Contrariando as expectativas da ala governista do partido, não será fácil convencer os peemedebistas a não ter candidato. Sinal disso já foi dado por Sarney, que não tem demonstrado disposição alguma de ceder aos apelos do Palácio do Planalto. Se depender de seu ânimo, somado ao de outros defensores da candidatura própria, o Governo enfrentará uma briga de foice.

— Uma vez que o PSDB, partido do presidente, não tem condições de silenciar suas próprias dissidências, como pode exigir de outro, no caso o PMDB, que renuncie ao seu direito de participar das eleições? — pergunta Sarney.

Dois meses após terem recebido o convite formal de Fernando Henrique para acompanhar PSDB e PFL na aliança pela reeleição, os caciques peemedebistas, defensores dessa proposta, não conseguiram ainda dar uma resposta. O problema é que não conseguem encontrar uma fórmula que lhes garanta o voto da maioria numa convenção. Apesar disso, garantem que continuam otimistas.

Padilha, animado, queria reunião esta semana

O ministro dos Transportes, Eliseu Padilha, que está mergulhado até a cabeça na tarefa de conseguir a adesão de peemedebistas à aliança pela reeleição, é um dos melhores exemplos dessa confiança. Faz muitas contas e já tem um placar com um número preliminar. Segundo ele, a tese governista teria 449 contra 359, de um total de 708 votos de 521 convencionais. O ministro, nesse cálculo, considera como oposicionistas os convencionais de São Paulo, Maranhão, Amapá, Ceará e Minas. Neles, há 247 votos. Prevenido, Padilha ainda estimou que 20% dos votos de convencionais dos outros estados acompanhariam os oposicionistas.

Com os cálculos prontos, levou os números ao ministro da Justiça, Íris Rezende; aos líderes na Câmara, Geddel Vieira Lima (BA); e no Senado, Jader Barbalho (PA); e ao presidente da Câmara, Michel Temer (SP). Propôs, então, que fosse realizada uma reunião, esta semana, com os nove governadores do partido e os presidentes de diretórios regionais que fossem a favor da aliança. Do encontro resultaria uma manifestação pública que tentaria constranger Itamar, levando-o a recuar na decisão de filiar-se ao PMDB. Foi desestimulado por Barbalho. Segundo integrantes do PMDB, o senador argumentou que não encontrava motivo algum que justificasse barrar Itamar, um nome que, mais adiante, até poderia aumentar o poder de negociação do partido com o PSDB e o PFL.

A reunião ficou para outubro. Mas Padilha não desistiu. Dono da pasta que executa e mantém as estradas — objeto do desejo de políticos em campanha — aposta nas verbas de seu ministério para convencer peemedebistas a apoiar a reeleição. Trabalha lado a lado com Íris. Embora admita que dias difíceis virão, Íris também está confiante. Não acredita na candidatura de Sarney e tem números semelhantes ao de Padilha.

— Ele diz que é candidato. Mas, se fosse mesmo, sua filha, a governadora do Maranhão, Roseana, e seu filho, o deputado Zequinha, já estariam entrando no PMDB. Ou você acha que eles ficariam no PFL contra o pai? — desconfia Íris.

Paes compara aliança a “comer na cozinha”

Os governistas do PMDB negociam com Fernando Henrique um acordo que acreditam ser capaz de convencer os convencionais. Mas que, certamente, trará novos e grandes problemas ao presidente. Eles querem que, durante a campanha, o presidente se mantenha distante dos palanques nos estados em que PMDB, PFL e PSDB forem adversários. Isto significa que Fernando Henrique teria que abrir mão de estar ao lado de Eduardo Azevedo (MG), Mário Covas (SP) e Marcello Alencar (RJ). O presidente nem precisa esperar até 98 para saber o que resultará desse comportamento: a pré-estréia foi exibida por Covas semana passada.

— Defendemos apoiar o Governo, inclusive para manter a coerência. Como vamos explicar aos eleitores que estivemos num governo e na hora da eleição apresentamos outro candidato? Mas o Governo sabe que pretendemos ter uma participação realmente efetiva se houver outro mandato de Fernando Henrique — disse Geddel Vieira Lima.

Do outro lado da trincheira, o presidente do PMDB, deputado Paes de Andrade (CE), também não arrisca gesto precipitado. Paes pensou em convocar a convenção para outubro, passou para novembro e agora fala em dezembro. Como seus opositores no partido, faz muitas contas e assegura que, no dia em que a escolha for feita, sua proposta será vitoriosa. O deputado tem dito constantemente a integrantes do partido que, se o PMDB decidir apoiar Fernando Henrique, o partido se verá na situação de um convidado para um jantar que teve que fazer sua refeição na cozinha, en-

quanto os outros — PSDB e PFL, que formam a chapa com o presidente e o vice — jantam na sala. Paes é criticado pelos integrantes da ala governista. Mas nunca é subestimado. Afinal, nas últimas convenções conseguiu, no mínimo, perturbar bastante o Palácio do Planalto. Segundo Paes, não há nada que justifique o apoio à reeleição.

— Um partido como o PMDB não pode ficar sem candidato próprio — argumenta exaustivamente.

Fortalecido pela filiação de Itamar, Paes promete ser duro na queda. Vai tentar, primeiro, derrubar o apoio à reeleição na convenção. Depois, pretende

tornar Sarney ou Itamar o candidato peemedebista. Até agora, Sarney tem mantido um discurso de que abrirá mão de sua candidatura para Itamar caso este se decida a concorrer à Presidência pelo PMDB. A opção Itamar teria a vantagem de facilitar o apoio dos partidos de esquerda e do ex-ministro da Fazenda Ciro Gomes, numa aliança mais ampla. Mas Itamar não pretende anunciar logo se é candidato ou não e examina também a possibilidade de candidatar-se ao Governo de Minas Gerais.

COLABOROU Tales Faria



O EX-PRESIDENTE ITAMAR Franco, ao chegar ontem de manhã ao Rio: filiação ao PMDB e articulações para candidatura à Presidência da República ou ao governo de Minas